

ACERTO EXTERNO

“Acordo será benéfico a exportações brasileiras”

por Inácio Barbosa Soares
de Porto Alegre

Empresários e executivos da área de exportações do Rio Grande do Sul são unânimes em afirmar que o fechamento do acordo do Brasil com seus credores internacionais será benéfico aos negócios brasileiros no exterior. Vai reabrir fontes de financiamentos para estas operações.

Um outro problema, no entanto, tem gerado dúvidas e apreensões — a queda do dólar diante das demais moedas fortes. Como grande exportador de produtos do complexo soja para mercados que não trabalham com o dólar, o Estado poderia ser beneficiado com a desvalorização desta moeda, pelo ganho de competitividade de sua produção. Mas o Rio Grande do Sul depende dos Estados Unidos em 80% de suas exportações de calçados, e a tendência imediata é de uma retração nas compras daquele país.

Segundo o presidente da Federação das Indústrias Gaúchas (Fiergs), Luiz Carlos Mandelli, os exportadores de calçados ainda estão na expectativa. “A queda do dólar pode demorar um pouco, mas não será permanente”, disse. “Por enquanto, desconheço alguma mobilização dos exportadores no sentido de uma mudança imediata no seu perfil de exportações, mas é claro que precisamos diversificar nossos mercados”. A diversificação é difícil, admitem empresários do setor, dada a alta concorrência que os calçados brasileiros enfrentam no mercado europeu diante das produções italiana e espanhola. O presidente da Associação das Indústrias de Calçados (Adica), Ênio Schein, disse a este jornal que os empresários não esperam uma retração no mercado dos Estados Unidos para curto prazo, mas estão atentos.

Para o presidente da “trading” Companhia de Comércio Internacional (Bantrade), Valdiner Silveira Fagundes, o fechamento de um acordo sobre a dívida externa e a desvalorização do dólar são duplamente benéficos às exportações do complexo de soja. O acordo reabre linhas de crédito que se es-

treitaram muito depois da moratória, viabilizando no mercado interno uma dilatação de prazos para os Adiantamentos de Contratos de Câmbio (ACC). Estes prazos, que eram de 180 dias, e em média, reduziram-se nos últimos meses para 60/90 dias, no máximo, ao mesmo tempo, a tendência é de um aumento das importações nos demais países de moedas fortes, que pagarão menos pelos produtos comprados em dólar. É o caso do grão, do farelo e do óleo de soja.

O coordenador de comercialização da Cotriexport Companhia de Comércio Internacional (“trading” da Cooperativa Regional Tritícola Serrana — Cotrijui), José Carlos Treiguer, concorda com a tese de Silveira Fagundes, mas diz que “há um ponto obscuro para os negócios com soja”. Na opinião deste executivo, as constantes desvalorizações do dólar poderão levar os Estados Unidos a uma recessão, o que seria ruim não só para quem depende daquele mercado, mas para todos os exportadores. No caso da soja, por exemplo, a entrada dos Estados Unidos como grande exportador tenderia a deprimir as cotações internacionais. Treiguer acrescentou que certamente uma recessão colocaria os Estados Unidos como concorrente do Brasil no mercado internacional da soja.

Mesa redonda para discutir dívida do País

“Dívida Externa: Desenvolvimento e Integração Latino-Americana” é o tema da mesa-redonda que reunirá, no dia 25 próximo, em Brasília, várias personalidades da área econômica, política e acadêmica nacionais. A promoção é do Grupo Brasileiro do Parlamento Latino-Americano e será preparatória à Assembleia Parlamentar Latino-Americana para a Dívida Externa, dias 14, 15 e 16 de dezembro.

Estarão presentes representantes dos Legislativos de toda a América-Latina.